

PAUL TILLICH — RELIGION BIBLIQUE ET ONTOLOGIE

Paul Tillich, nascido em 20 de Agosto de 1886 na Alemanha e falecido em Chicago em 1965, é um dos maiores teólogos dos nossos dias. Embora grande parte da sua obra tenha sido escrita em língua inglesa — visto que a partir de 1933 emigrou para a América — a verdade é que a sua formação espiritual foi profundamente marcada pela cultura universitária alemã. Começou por doutorar-se em filosofia em Breslau, licenciando-se depois em teologia com uma série de estudos sobre Schelling (1912). Professor de filosofia e de teologia em várias universidades — Berlim, Dresden, Leipzig, Frankfurt — prosseguiu a sua carreira docente na América ensinando «Teologia Filosófica» em Nova Iorque de onde transitou para a Universidade de Harvard. Em 1962 passou a reger «Teologia» na «Divinity School» de Chicago.

I

Consideramos Tillich uma das figuras mais notáveis do pensamento teológico contemporâneo visto que, segundo cremos, conseguiu:

I — Construir uma nova teologia.

Nova porque:

1 — tal teologia se desenvolve através de uma nova estruturação filosófica;

- 2 — reelabora algumas noções dogmáticas de fundamental importância;
- 3 — lhe imprimiu uma dimensão dinâmica afirmando o seu necessário contacto com a problemática temporal de cada homem em «situação».

II — Pôr em evidência a necessária importância dos problemas teológicos para todo e qualquer homem. Estes não são velhos problemas ultrapassados, não são problemas exclusivos do sacerdote ou do pastor.

Porque:

- 1 — Sendo a doutrina de Deus «o começo e o fim de toda a reflexão teológica»¹ e, sendo ainda Deus concebido como o fundamento de todo o ser parecerá que cada homem, enquanto consciente de que é ente, se encontrará pessoalmente comprometido em face de Deus: para o negar ou para o afirmar.
- 2 — Se a fé «é o facto de sermos possuídos por uma preocupação última»², por um interesse infinito, então toda a existência humana parece marcada pela fé ou pela sua procura, mesmo quando se absolutiza o que é relativo.

Tillich é autor de muitas obras publicadas tanto em alemão como em inglês que têm sido traduzidas em várias línguas, entre as quais salientamos: *Teologia Sistemática*, *A Coragem de Ser*, *A Dinâmica da Fé*, *Teologia e Cultura*, *Religião Bíblica e Investigação da realidade última*.

É esta última obra, na versão francesa intitulada *Religion Biblique et Ontologie* que nos propomos analisar.

Logo o título parece sugerir a seguinte pergunta: porque razão não terá o autor usado antes a expressão *Cristianismo e Filosofia*?

¹ Paul Tillich, *Religion Biblique et Ontologie*, Presses Universitaires de France, «Initiation Philosophique», Paris, 2.^a ed., 1970, pág. 75.

² *Ob. cit.*, pág. 52.

O termo «Religião Bíblica» foi escolhido, supomos propositadamente para evidenciar a sua posição na actual controvérsia teológica em torno da questão do conceito de religião e da legitimidade da sua adequação ou inadequação ao Cristianismo.

A expressão «Ontologia» que figura na tradução francesa (1.^a ed. 1960 e 2.^a ed. 1970) e a expressão «investigação da realidade última» que figura no original³ e na versão abreviada publicada na Suíça⁴ — significam que o autor

- 1 — identifica ontologia e investigação da realidade última;
- 2 — considera a ontologia o núcleo central e fundamental da investigação filosófica.

O trabalho apresentado não é de forma alguma um estudo de índole historiográfica nem exegética mas antes consiste numa reflexão crítica sobre a questão de saber se é ou não legítima e necessária uma interdependência e uma unidade entre religião bíblica e ontologia.

Essa reflexão crítica processa-se através dos seguintes momentos:

- 1 — Estabelecimento da necessidade de uma confrontação entre religião bíblica e filosofia (ontologia) através da sua determinação conceptual.

- 2 — Desenvolvimento dos aspectos negativos dessa confrontação; exposição das notas caracterizadoras da religião bíblica que implicam a sua oposição à filosofia, entendida como ontologia.

³ *Biblical Religion and the Search for Ultimate Reality*, University of Chicago Press, Chicago, 1955.

⁴ *Religion Biblique et recherche de la réalité dernière*, in «Revue de Théologie et de Philosophie», Lausanne, 1955. Esta versão reporta-se ao texto de uma série de conferências proferidas por Tillich em 1953 no Instituto ecuménico de Bossey. Esse texto foi consideravelmente ampliado na sua publicação em língua inglesa. Cf. Jean-Paul Gabus, *Avertissement*, in *Religion Biblique et Ontologie*, P. U. F., Paris, 1970.

3 — Desenvolvimento dos aspectos positivos dessa confrontação; superação das antinomias aparentemente inelutáveis que opõem religião bíblica e filosofia em ordem a uma síntese realizadora de uma unidade.

Iremos agora analisar os pontos fundamentais que acabamos de sublinhar na reflexão de Tillich.

O que entende o autor por religião bíblica e por filosofia?

Começemos por esta última questão.

A filosofia é uma investigação noética que necessariamente põe e resolve a questão do Ser. Em que consiste a questão do Ser? Segundo Tillich (é evidente a influência das concepções de Heidegger no pensamento de Tillich relativamente a esta questão) trata-se de saber qual é a realidade última, quer dizer, qual o fundamento de tudo quanto é, o que é o Ser em si e por si, o que é o Ser dos sendos.

Esta é a fundamental questão da filosofia e, por isso mesmo, a filosofia é, essencialmente, ontologia.

Porventura poder-se-á perguntar se esta concepção de filosofia será a única válida, se acaso não se poderão admitir concepções não-ontológicas da filosofia como, por exemplo, o positivismo lógico, o empirismo, etc. Tillich responde negativamente à interrogação. No seu entender as filosofias não-ontológicas autodestroem-se porque contêm em si, inevitavelmente, de uma forma implícita ou explícita a própria questão do ser por elas considerada inútil e supérflua.

O conteúdo conceptual do termo filosofia é aclarado e desenvolvido não só através da caracterização da atitude filosófica como ainda através da relação entre a existência humana e a questão ontológica.

Porque razão põe o homem a questão do Ser?

Porque é o único ente finito que, ao mesmo tempo, tem consciência da sua finitude.

Sendo finito, o homem é um ser e simultaneamente não é o Ser. Sendo consciente da sua finitude necessariamente põe a questão do Ser, isto é, a questão do fundamento que funda o seu próprio ser.

Se assim é, a filosofia, enquanto investigação da realidade última, terá de considerar-se consequência necessária do próprio estatuto ôntico que define a existência humana.

Por isso Tillich afirma que « O homem é por natureza filósofo»⁵.

Mas qual o significado rigoroso desta expressão?

Quererá dizer que cada homem, por natureza, é filósofo em sentido estrito? No mesmo exacto sentido em que se diz serem filósofos, por exemplo, Kant, Hegel, Descartes, S. Tomás e tantos outros?

Parece não ser esse o ponto de vista de Tillich. Com efeito ele distingue entre filosofia, em sentido estrito, isto é, metodològicamente elaborada, e em sentido lato, que englobaria formas pré-filosóficas de pôr e resolver a questão do Ser.

Relativamente a este último significado escreve: «Quem quer que seja que participe na linguagem, na arte, no culto, na vida social de uma determinada cultura colabora na criação da sua filosofia.

É um filósofo pré-filósofo. Tal é a situação da maior parte dos homens, mesmo depois do aparecimento de uma filosofia metódica»⁶.

Segundo Tillich, haverá uma relação de recíproca dependência entre a filosofia, em sentido estrito, e a pré-filosofia.

Completando a sua caracterização da filosofia analisa ainda a atitude filosófica.

Dois traços fundamentais a definem; por um lado, o filósofo assume uma posição teórica quando procura conhecer e investigar a realidade última; por outro lado, dessa investigação depende o sentido do próprio existir do filósofo e, por isso, ele está nela irremediavelmente comprometido.

Desta maneira, filosofar é simultâneamente teorização e empenhamento existencial.

Em resumo, a filosofia é um caminho de encontro entre a realidade humana, necessariamente finita e a realidade última, o Ser em si, necessariamente infinito e universal.

⁵ Paul Tillich, *Religion Biblique et Ontologie*, P. U. F., Initiation Philosophique, Paris, 1970, pág. 19.

⁶ *Ob. cit.*, pág. 19.

Vejamos agora qual o conceito de religião bíblica exposto nesta obra.

Notemos em primeiro lugar a sua dialecticidade; por um lado há uma revelação divina e por outro há uma necessária recepção humana do revelado; ambas, no dizer de Tillich, formam «um todo indissolúvel»⁷.

Por este motivo «A Bíblia é o documento da auto-manifestação divina e, ao mesmo tempo, do modo como os homens a receberam»⁸.

Logo a seguir a esta determinação conceptual Tillich conclui que as noções expostas são suficientes para estabelecer «... a possibilidade e a necessidade de uma confrontação entre a religião bíblica e a filosofia»⁹.

Supomos que a razão de ser de tão terminante asserção se deve ao facto de tanto a religião bíblica como a filosofia se apresentarem como pontos de encontro e de ligação entre a finitude do homem e o infinito de uma realidade última.

Postulada a necessidade de uma confrontação, vejamos quais são os elementos que Tillich indica para caracterizar a religião bíblica em oposição com a ontologia¹⁰.

Na medida em que toda a religião personifica o Sagrado¹¹ o personalismo será, por isso mesmo, uma nota essencial da religião bíblica. Contudo, algumas características o diferenciam do personalismo de outras religiões.

É de evidenciar o carácter radicalmente pessoal que define a relação do homem com Deus. Nesta relação nem o homem nem Deus podem ser concebidos como objectos — a cousificação de um deles destruiria irremediavelmente qualquer ligação possível. Quer isto dizer que na relação com Deus o homem terá de ser considerado como uma

⁷ *Ob. cit.*, pág. 15.

⁸ *Ob. cit.*, pág. 15.

⁹ *Ob. cit.*, pág. 16.

¹⁰ «J'entends donner en fait une description des traits de la religion biblique qui entrent inévitablement en conflit avec l'ontologie». *Ob. cit.*, pág. 30.

¹¹ *Ob. cit.*, pág. 30.

pessoa, isto é, como um ente «dotado de racionalidade, de liberdade e de responsabilidade»¹².

Desta característica decorrem ainda dois traços a salientar.

A relação entre o homem e Deus é uma relação de livre reciprocidade e, por isso, um imponderável a dinamiza, por isso essa relação é alheia a qualquer espécie de determinismo.

Depois é necessário considerar a palavra como uma concretização actualizadora de toda a relação pessoal e, por consequência, ainda da relação do homem com Deus.

Os elementos referenciados são suficientes, na opinião de Tillich, para legitimar a afirmação de uma antítese entre religião bíblica e ontologia.

Com efeito, como será possível que o Deus de Jacob e Abraão seja a realidade última que o filósofo procura?

Se esta realidade é *a fortiori* impessoal, se esta realidade é o Ser em si, parecerá então que ela não é nem poderá ser o Deus Pessoal da religião bíblica.

Por outro lado a ontologia não se estrutura através do contacto com uma Palavra revelada. «A ontologia pensa através de outras categorias. O Ser em si está presente em tudo o que é, e tudo o que é participa do Ser. Nós dirigimos a palavra a alguém para o qual nos voltamos, mas participamos em algo onde estamos enraizados»¹³.

Por último «Nada parece contradizer mais o conceito ontológico de «Ser» do que a referida reciprocidade de Deus e do homem... Como é que o Ser-em-si pode concentrar-se numa relação recíproca com um ser particular? Como é que um ser pode influenciar o fundamento do ser, no qual e pelo qual ele existe? Como pode o Ser-em-si mudar se ele, por definição, transcende as categorias da mutação tais como, o tempo, o espaço, a causalidade, a substância?»¹⁴.

¹² *Ob. cit.*, pág. 31.

¹³ *Ob. cit.*, pág. 38.

¹⁴ *Ob. cit.*, pág. 36.

Estas, porém, não são as únicas antinomias que Tillich considera na sua confrontação. Outras serão apresentadas ainda.

O personalismo bíblico concretiza-se também de uma forma essencial pelas doutrinas da criação, da encarnação e da historicidade escatológica do real.

Ora, segundo Tillich, a ontologia parece excluir a ideia de criação porque esta implica separação entre o finito criado e o infinito criador e aquela pressupõe antes a ideia de uma participação ôntica do finito no infinito, participação afinal que seria uma forma de identidade.

De igual modo a ontologia aparece como alheia e oposta à doutrina da Encarnação na medida em que Cristo é o *Logos* feito homem, isto é, é o *Logos* feito realidade concreta, pessoal e histórica enquanto o *Logos* da filosofia é universal, geral, impessoal.

De acordo com a religião bíblica é histórica toda a realidade, processando-se segundo uma concepção de tempo irreversível, com um começo e um fim. A história imanente a toda a realidade é a história da salvação.

A ontologia em contrapartida procura analisar as estruturas imutáveis do real e a sua perspectiva sendo estática é, necessariamente, anti-histórica.

A estas antinomias que podemos considerar de índole predominantemente objectiva, Tillich faz seguir as que derivam de um confronto entre as concepções antropológicas específicas da religião bíblica e as exigências próprias da ontologia.

A relação do homem com Deus absorve e domina toda a existência cristã. E sendo esta relação, como vimos, eminentemente pessoal, segue-se que a existência do homem será uma existência ética.

Quer isto dizer que cada homem se encontra, a cada passo, perante uma trágica e irremediável decisão porque nela está em jogo o seu destino eterno.

A sua escolha terá de ser: por Deus ou contra Deus.

Este carácter ético que penetra toda a existência humana encerra em si uma exigência de amor fraterno, por amor de Deus (*agapê*), que se dirige de uma forma

concreta a cada pessoa, tomada na sua unicidade e individualidade.

E qual é a situação do filósofo?

Ao invés ele dirige a sua paixão para as essências intemporais, para o universal, o seu amor é um amor à sabedoria impessoal cuja plenitude seria ...« a união mística com o Uno onde todo o concreto desapareceu»¹⁵.

Na procura da realidade última o filósofo terá de pôr em questão a concepção natural e espontânea do mundo, as crenças e tradições da comunidade a que pertence; a dúvida radical separa-o de toda a gente e o seu *eros* é dirigido para algo que transcende, por força, o plano da colectividade. O seu isolamento parece, portanto, ser irreduzível.

O homem de fé, esse, mesmo na máxima solidão tem de encontrar-se religado pela *agapê* ao seu semelhante.

O que acabamos de dizer parecerá bastante para tornar patente o alheamento da ontologia ao universo de preocupações éticas, expresso nas concepções bíblicas¹⁶.

Dois termos revelam esta índole ética e teândrica — fé e pecado.

Para Tillich a fé, segundo a religião bíblica, não deve ser interpretada numa perspectiva intelectualista nem voluntarista. Na sua definição torna-se evidente a acção de Deus, através da sua graça. Mas isto não obsta a que no acto de fé o homem se empenhe totalmente: «A vontade, a inteligência e o sentimento participam nele»¹⁷.

Pela fé o homem religa-se a Deus na medida em que Deus é a preocupação última que o possui. Este carácter incondicional e absoluto da fé reconcilia o homem com Deus depois do pecado. O pecado é a negação da fé. «A essência do pecado é a incredulidade, o facto de estarmos separados de Deus, a fuga para longe dele, a rebelião contra ele,

¹⁵ *Ob. cit.*, pág. 52.

¹⁶ *Ob. cit.*, págs. 48-49.

¹⁷ *Ob. cit.*, pág. 53.

a promoção de interesses preliminares à categoria de interesse último»¹⁸.

Pelo pecado o homem alienou-se.

A sua natureza original tornou-se outra, perverteu-se. Essa alienação atinge o homem na sua totalidade e, por isso, as suas capacidades cognitivas foram também atingidas.

Só a fé é fonte de conversão autêntica através da qual o homem encontra a autenticidade do seu próprio ser e nesta a plenitude da sua razão. «Quer isto dizer que a fé triunfando do pecado pela reconciliação com Deus que origina um homem novo, deve preceder a pesquisa da realidade última. O Ser em si só pode ser atingido nesta nova condição»¹⁹.

Mas poderá o filósofo aceitar esta situação?

«A ontologia apela para o poder da razão humana. Ela não põe o problema do pecado e da salvação. Não distingue uma razão original de uma razão pervertida; não considera também uma razão renovada (...). A Bíblia critica muitas vezes a filosofia não porque esta faça apelo à razão mas porque faz apelo a uma razão que não foi regenerada pelo conhecimento de Deus»²⁰.

Com a exposição destas antinomias termina Tillich a etapa negativa da sua confrontação. Mas a oposição que vincadamente foi assinalada entre religião bíblica e ontologia será uma oposição autênticamente insuperável? Não haverá uma via de acesso capaz de realizar uma síntese superadora? A obra que estamos a analisar procura justamente defender a possibilidade e a necessidade da síntese e da unidade entre religião bíblica e ontologia.

Igualmente afirma existir entre ambas uma profunda interdependência a tal ponto que qualquer uma necessita da outra para a sua própria realização²¹.

¹⁸ *Ob. cit.*, pág. 55.

¹⁹ *Ob. cit.*, pág. 55.

²⁰ *Ob. cit.*, pág. 55.

²¹ *Ob. cit.*, págs. 13 e 45.

Vejam os agora quais serão os elementos que, segundo Tillich, definem essa inter-relação positiva. O ponto fulcral da sua argumentação situa-se nas considerações sobre a fé, a dúvida e a questão ontológica²².

Se a fé é o facto de sermos possuídos por um interesse último; se a questão do Ser é a preocupação última do filósofo; então tanto o filósofo como o homem de fé possuem «... preocupações que têm um carácter igualmente incondicional»²³.

Mas não é possível a coexistência de duas preocupações últimas (de esta hipótese decorreria o carácter não-último de uma delas ou das duas).

«Na realidade uma compreende a outra. A preocupação última do crente refere-se ao que é verdadeiramente último e, portanto, ao fundamento do seu ser, àquilo que lhe confere um significado. Ele põe implicitamente a questão da realidade última e deve admitir, como todo o cristão o faz, que os símbolos da sua preocupação última implicam uma resposta à questão da realidade última. Enquanto crente não se preocupa com a investigação ontológica; ele preocupa-se somente com a verdade. Mas a verdade implica uma realidade última. Deus deve ser a realidade última para ser objecto de uma preocupação incondicional»²⁴.

Portanto «A fé compreende a questão ontológica»²⁵.

Mas a questão ontológica e a sua investigação implicam uma atitude de dúvida radical.

Como conciliar a fé com a dúvida? Como incluir a dúvida na fé?

É que, para Tillich, a fé não é o mesmo que certeza absoluta, porque ela própria não é evidente, nem provável, nem pura crença. A fé é uma tensão entre ser possuído por algo de incondicional e a dúvida sobre isso mesmo. A fé implica sempre, por consequência, um risco de incer-

²² *Ob. cit.*, págs. 57-60.

²³ *Ob. cit.*, pág. 57.

²⁴ *Ob. cit.*, págs. 57-58.

²⁵ *Ob. cit.*, pág. 58.

teza. Por isso a fé inclui a dúvida que a questão ontológica envolve e, nessa medida, inclui também esta mesma questão²⁶. «Acreditar é, portanto, unir a fé e a questão ontológica que pressupõe a dúvida radical»²⁷.

Tillich procura, seguidamente, reforçar a unidade que estabeleceu entre a religião bíblica e a ontologia tentando a superação de cada uma das antinomias já analisadas e referidas.

Primeiro aborda a série de antíteses que denominou de índole subjectiva.

Perante a concepção teológica da razão humana alienada pelo pecado e oposta anteriormente à concepção filosófica da razão o autor, invertendo agora as perspectivas, passa a afirmar: «Uma analogia espantosa desta concepção teológica é apresentada pela história da filosofia. Alguns dos maiores ontologistas falaram de uma forma muito próxima da Bíblia»²⁸.

Haveria uma conversão filosófica através da qual também se realizaria a regeneração da razão humana mergulhada num mundo de aparências, num «sono dogmático». «Neste sentido é necessário dizer que existe no filósofo, não uma fé em doutrinas definidas (...) mas esta fé que é o facto de ser possuído pela realidade última»²⁹.

Quanto à oposição entre a liberdade de decisão própria da ética e a ontologia, escreve Tillich: «No capítulo precedente, a liberdade parecera-nos um conceito ético e o destino um conceito ontológico. O conceito religioso de graça mostra-nos (...) que não é assim: os conceitos de liberdade e de destino pertencem um e outro tanto à ontologia como à ética e eles são transcendidos e reunidos no símbolo religioso do pecado e da graça»³⁰.

²⁶ *Ob. cit.*, pág. 59.

²⁷ *Ob. cit.*, pág. 59.

²⁸ *Ob. cit.*, pág. 62.

²⁹ *Ob. cit.*, pág. 63.

³⁰ *Ob. cit.*, págs. 64-65.

Além disso a distância entre Deus e o homem pressuposta pela liberdade de decisão e que se contrapunha à participação ontológica é superada, segundo o autor, pela noção religiosa do amor. O amor de Deus e a Deus é também uma forma de participação. Tillich termina a sua reflexão em torno de uma tentativa de harmonização das antíteses relativas aos aspectos subjectivos, já referidos, procurando mostrar que nem o *eros* isola em absoluto o filósofo nem a *agapê* do *homo religiosus* exclui «o isolamento da situação última»³¹ em que se encontra.

Passando a considerar no último capítulo desta obra «os problemas ontológicos implicados pelo aspecto objectivo da religião bíblica», Tillich procura anular no primeiro parágrafo as oposições, por ele expostas, entre a investigação do Ser em si e as doutrinas da criação, da encarnação e do *eschaton*.

Fazendo referência aos problemas e respostas ontológicas que estas doutrinas implicam julgamos que o autor, porventura, considera esta implicação um argumento a favor de uma não-oposição entre ontologia e religião bíblica.

Assim a propósito da criação salienta que ela suscita a questão manifestamente ontológica das relações entre o *Logos* eterno e o universo do real; a propósito da encarnação chega mesmo a sustentar que «O nome de «Jesus Cristo» implica uma ontologia»³² (relação entre a universalidade do *Logos* e a unicidade de uma pessoa); a propósito da escatologia afirma que esta envolve o problema ontológico da relação entre o tempo e a eternidade.

No segundo parágrafo confronta-se o personalismo da relação divino-humana com a investigação da realidade última. Deus manifesta-se ao homem pela sua palavra e esta é «... um evento criado pelo Espírito divino no espírito humano. (...) Ela é uma expressão do Deus vivo. (...) A Palavra é um elemento da realidade última; ela é o poder do Ser manifestando-se em formas diversas...»³³.

³¹ *Ob. cit.*, pág. 66.

³² *Ob. cit.*, pág. 71.

³³ *Ob. cit.*, pág. 73.

Por isso a Palavra «... é ontológica nas suas implicações»³⁴.

Mas a relação pessoal divino-humano concretiza-se ainda, conforme vimos, por uma livre reciprocidade que a ontologia parece contradizer.

No entanto, observa Tillich que o próprio Deus transcende a sua relação com o homem. «Deus na reciprocidade divino-humana só pode ser aquele que simultaneamente transcende e compreende os dois termos da reciprocidade... Tal é o limite dos símbolos da reciprocidade. Ele torna a questão ontológica necessária»³⁵, na medida em que Deus surge, necessariamente, como realidade última.

No terceiro e último parágrafo começa por sustentar que a questão ontológica logo surge na própria afirmação cristã da existência de Deus.

O que significa é quando reportado a Deus?

Sem dúvida que na religião bíblica Deus surge como uma pessoa. Contudo será possível que Deus como pessoa seja apenas um ser particular, uma pessoa entre outras?

Se assim fosse o carácter de absoluto que lhe é atribuído desapareceria.

Por isso Deus como Pessoa tem de ser também, para além disso, o Ser em si, o fundamento último de tudo quanto é, fundamento que no entender de Tillich «... como tal não é uma pessoa»³⁶.

Por consequência para o autor Deus «... é uma pessoa e a sua própria negação como uma pessoa»³⁷.

Deste modo se processa o encontro da religião bíblica com a ontologia, visto que Deus, afinal, também é a realidade última, absoluta e transpessoal que o filósofo procura.

Eis porque o autor declara: «Sem as filosofias que abordaram a questão ontológica que formulámos, a teo-

³⁴ *Ob. cit.*, pág. 73.

³⁵ *Ob. cit.*, pág. 75.

³⁶ *Ob. cit.*, pág. 77.

³⁷ *Ob. cit.*, pág. 78.

logia cristã teria sido incapaz de explicar a natureza do ser de Deus àqueles que desejassem saber em que sentido se pode dizer que Deus é³⁸. E ainda que «...o problema da salvação implica a questão ontológica»³⁹.

E eis, igualmente, o motivo porque afirma: «Contra Pascal, digo: O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, e o Deus dos filósofos, é o mesmo Deus»⁴⁰.

Com a exposição das teses que acabamos de referir o autor termina este seu estudo sobre «Religião Bíblica e Ontologia». Trata-se de um trabalho extremamente sugestivo e rico em pontos de vista que sintetiza alguns aspectos fundamentais do pensamento de Tillich.

Com efeito o problema das relações entre filosofia e teologia é um problema central de toda a sua obra e, na sua opinião, um problema fundamental da própria teologia sistemática⁴¹. Sem pretendermos proceder a uma análise exaustiva do volume de Tillich vamos consagrar-lhe agora algumas considerações críticas que nos parecem pertinentes.

II

1 — Como dissemos, o autor declara que o objectivo fundamental do seu estudo é estabelecer uma interdependência entre religião bíblica e ontologia. Ora interdependência significa dependência recíproca. E se Tillich expõe argumentos de vária índole provando ou tentando provar que a ontologia é condição necessária da religião bíblica, enquanto compreensão da revelação divina, a verdade é que neste estudo não vislumbramos qualquer reflexão no sentido de mostrar a dependência da ontologia em relação à religião bíblica.

³⁸ *Ob. cit.*, pág. 76.

³⁹ *Ob. cit.*, pág. 78.

⁴⁰ *Ob. cit.*, pág. 78.

⁴¹ *Ob. cit.*, pág. 11; *Théologie Systématique*, Éditions Planète, Paris, 1970, Tome I, págs. 14-130.

2—A unidade e a síntese entre religião bíblica e filosofia parece ser estabelecida em função do carácter igualmente incondicional e último que assinala tanto a preocupação do filósofo como a do homem de fé. Ora desde que, segundo Tillich, não é legítima a coexistência de duas preocupações últimas, visto nesta hipótese uma delas ou ambas não serem verdadeiramente últimas, então seguir-se-ia que uma engloba a outra.

E como uma autêntica preocupação incondicional e última se dirige necessariamente a uma realidade também última, o Deus da religião bíblica há-de ser também o Ser em si que o filósofo busca.

Julgamos que esta argumentação é falaciosa.

Em primeiro lugar pressupõe-se, sem análise nem discussão, a validade da preocupação última do filósofo e do homem de fé.

Em segundo lugar o autor transita de um plano meramente intencional para um plano ontológico. Se uma preocupação for intencionalmente última não se segue que ela tenha de representar-se a uma realidade e muito menos a uma realidade última.

Em terceiro lugar poderemos mesmo admitir a hipótese de que duas preocupações igualmente últimas visem intencionalmente objectos diferenciados.

O carácter último e incondicional de uma preocupação é a nosso ver exclusivamente formal.

3—Para ajuizarmos a medida e a forma de dependência da religião bíblica em relação à ontologia impõe-se a análise da justeza do conceito de ontologia que o autor perfilha.

Salientámos já a identidade que Tillich praticamente estabelece entre filosofia e ontologia. A questão do Ser monopolizaria toda a investigação filosófica. E a atitude de dúvida radical constituiria uma condição necessária para pôr a questão que pergunta pelo Ser.

A este propósito notemos que:

a) Não parece compatível uma atitude de dúvida radical com a pergunta pelo Ser. Esta pergunta sendo entendida

por Tillich, na esteira de Heidegger, como a pergunta pelo Ser dos entes, pelo fundamento de tudo quanto existe, implica uma não-dúvida acerca da existência dos entes. Se, porventura, fosse duvidosa a sua existência então não se perguntaria em primeiro lugar pela razão do seu existir, mas far-se-ia antes a pergunta prévia acerca da sua existência ou inexistência. Quer dizer que a radicalidade da dúvida filosófica parece impor que o próprio existir dos entes seja problematizado até à máxima e inultrapassável dúvida acerca do que parece e aparece como existente.

Admitimos que se nos possa objectar que seria a resposta positiva ou negativa à questão do fundamento do ser que conferiria validade à afirmação da existência ou não-existência dos entes. Nessa medida a pergunta pelo Ser não teria como pressuposto a afirmação da existência dos entes⁴².

Pensamos que esta objecção assenta numa interpretação que não é consentânea com o teor da pergunta. Esta só terá sentido admitindo a prévia existência dos entes.

b) Aceite a necessidade de uma dúvida radical e metódica consideramos que a filosofia não pode ser reduzida a uma ontologia.

Uma perspectivacão gnosiológica torna-se indispensável.

c) Se o autor entende que há formas de pôr e resolver a questão do Ser que não são filosóficas, perguntamos então como pode esta questão caracterizar essencialmente a filosofia?

E mesmo que esta questão fosse exclusivamente filosófica pensaríamos ainda que a filosofia seria insuficientemente definida sem uma referenciação bastante ao método que lhe é próprio, método esse através do qual essa mesma pergunta seria formulada e resolvida.

Esta deficiente caracterização metódica da filosofia e a simultânea referência às formas pré-filosóficas de pôr e resolver a questão do Ser poderão acaso suscitar a seguinte

⁴² Veja-se Heidegger, *Introduction à la Métaphysique*, Gallimard, Paris, 1967, págs. 39, 40, 41, 42 e 43.

dúvida: os problemas filosóficos e respectivas soluções que o autor afirma incluídos na própria fé e nos seus símbolos serão, na verdade, problemas e respostas de índole estritamente filosófica ou serão antes problemas postos e resolvidos pelo puro pensar teológico?

Por outras palavras: a questão do Ser tal como é posta e resolvida pela teologia poderá identificar-se com a questão do Ser tal como é posta e resolvida pela filosofia?

d) Julgamos ainda deficiente a argumentação apresentada por Tillich para justificar a redução da filosofia à ontologia. Com efeito sustentar que as filosofias que pretendem ser não-ontológicas pressupõem afinal sempre uma concepção acerca do Ser só provaria que toda a filosofia tem de ser ontológica, mas não prova que a filosofia seja apenas ontologia.

4—Várias das antinomias que Tillich formula entre religião bíblica e ontologia são antes antinomias entre certas concepções ontológicas e a religião bíblica. Assim, por exemplo, a antítese entre o Ser concebido como absolutamente atemporal e imutável e a concepção histórica e escatológica da religião bíblica é afinal uma oposição que resulta apenas do conceito de Ser de algumas ontologias e não da ontologia, em si mesma considerada.

Igualmente a antinomia entre a doutrina da criação, que supõe uma diferenciação radical entre Deus e o homem, e a ontologia que identifica o finito e o infinito, reduz-se em última análise a uma antinomia entre uma concepção panteísta do Ser — que está longe de ser aceite por todas as ontologias — e a ideia de um Deus Criador.

Sem dúvida que Tillich não deixa de referir isso mesmo a propósito de algumas antinomias que formulou. Nessa medida, implicitamente, reconhece que elas são afinal pseudo-antinomias entre religião bíblica e ontologia. Mas então não vemos nenhuma razão para terem sido apresentadas como antinomias na sua confrontação.

5—É de acentuar ainda que o autor nem sempre consegue solucionar aquelas efectivas antinomias que aborda frontalmente. É o caso, por exemplo, do conflito entre a

concepção teológica da razão humana como essencialmente decaída e a concepção filosófica para a qual as capacidades da razão não têm um necessário limite resultante do pecado.

O autor para superar esta oposição apenas nos diz haver uma conversão filosófica análoga à conversão religiosa. Ora pensamos que a mera afirmação de situações paralelas não pode constituir a superação de nenhuma antinomia.

6 — A definição que o autor dá de «pessoa» afigura-se-nos demasiado restrita pois se circunscreve à individualidade humana⁴³. Por consequência não vemos como poderá ser legítima a afirmação que Deus é uma Pessoa. A nosso ver tornar-se-ia necessário apresentar uma definição mais ampla que permitisse abranger simultaneamente o homem e Deus.

Supomos inútil salientar que as observações feitas não pretendem de nenhum modo diminuir o real interesse filosófico que esta obra incontestavelmente possui.

Por último julgamos conveniente acentuar, também, que a sua leitura e compreensão se tornam imprescindíveis para uma perfeita inteligência do sistema teológico de Paul Tillich.

Maria Carmelita Homem de Sousa

⁴³ *Ob. cit.*, pág. 31.